

EXAMINANDO O CONHECIMENTO INDÍGENA SOBRE AGRUPAMENTOS DE ESTRELAS NO CÉU

Priscila Faulhaber¹

O presente trabalho é elaborado no âmbito da antropologia social, com o objetivo de apresentar diferentes interpretações do céu equatorial, a partir de registros de Theodor Koch-Grünbert, Curt Nimuendajú e pesquisas recentes sobre como índios Ticuna vêem o céu. Koch Grünberg pergunta como os índios podem ver o céu de diferentes maneiras, procurando constituir conjuntos de estrelas no céu. Esta é um aspecto do exame de como os índios que conheceu reconfiguram em seus desenhos a estática e a dinâmica de objetos em sua volta, bem como de fenômenos da natureza. Já os registros de Nimuendajú sobre o céu articulam-se ao registro sistemático da cultura dos índios Ticuna com ênfase em sua organização social são articulados a representações registradas em pesquisas de campo entre os Ticuna nos dias de hoje.

Uma abordagem antropológica do conhecimento indígena

Entende-se ciência em termos gerais, como um "corpo específico de conhecimentos ou habilidades" (Williams, 2007:78). No entanto, disciplinas científicas específicas requerem definições de parâmetros teóricos próprios para provas e demonstrações de argumentos. Termos como "método científico", "verdade científica" e a própria definição de "ciência" são convencionados com base em práticas bem sucedidas em ciências biológicas, físicas e químicas. Nas ciências humanas e sociais tais termos são colocados "entre aspas" uma vez que nestes campos as investigações fundamentam-se em argumentos e demonstrações de suposições. Em nossa abordagem, no âmbito das ciências sociais, o pensamento indígena é ao mesmo tempo sujeito e objeto de conhecimento.

Relativiza-se na epistemologia crítica, a ideia de ciência "universal" baseada em conhecimentos sistemáticos produzidos com base na tradição europeia ou greco-romana. A própria Astronomia, que se define como estática e dinâmica dos astros, vale-se da atribuição de nomes aos astros mediante certas regras e critérios baseados na aparência ou semelhança arbitrária com animais e coisas terrenas. As constelações tomadas como

¹ Trabalho apresentado na mesa redonda "Conhecimentos astronômicos indígenas". São Luiz, SBPC, 2012).

universais são formadas conforme conjuntos arbitrários ou grupos óticos de estrelas, representando figuras de entes mitológicos, animais e objetos. Embora em grande parte remontem à antiguidade greco-romana, basearam-se em constelações criadas por caldeus, assírios, babilônios, egípcios, fenícios e chineses.

A tradução cultural implica que a compreensão das categorias de outro povo nas categorias de nossa própria linguagem seja vista modo a aceitar que a nossa própria concepção de racionalidade seja modificável. Isto envolve a confrontação de diferentes pontos de vista, no sentido de encontrar noções partilhadas de inteligibilidade e racionalidade entre as partes (Tambiah, 1995). Traduzir as concepções do outro em nosso próprio sistema de conceitos envolve correlações entre as diferenças e as semelhanças de conceitos e práticas referentes a diferentes fenômenos celestes, tal como identificados pela observação da geometria celeste, correlacionada às mitologias e cosmologias relacionadas à interpretação do movimento aparente das estrelas.

Os registros de Koch-Grünberg sobre o desenhos indígenas sobre o agrupamento de estrelas no céu

Afirma Koch Grünberg em seu livro sobre “os começos da arte entre os índios”:

"Os indígenas também têm sua "poesia do céu". como Byron denomina as imagens das estrelas. Sua fantasia povoa o céu com seres humanos e animais, formas freqüentes de sua saga . Vêem nas constelações(*Sternbilder*) semelhanças com objetos da vida cotidiana” (Koch- Grünberg, 1905:58).

Segundo o autor, que considera as representações sobre o céu em conexão com os mitos, as estrelas têm para os indígenas um particular interesse prático. Elas servem para eles como medidoras do tempo, como guia dos caminhos. De acordo com a posição de algumas constelações em relação a outras, eles contam as estações do ano e determinam o trabalho em suas plantações. Por isso, se alegram quando se compartilha com eles este interesse . Afirma que sempre demonstraram grande solicitude em mostrar-lhe suas estrelas e explicar seu significado para eles. Em seu registro sobre a antropologia do céu empenhou-se que dois indígenas desenhassem para ele dois quadros das estrelas: de índio um Miriti-Tapuyo do rio Tiquié{1} e de um índio Cobewa do Cuduiary{1}. O desenhista do quadro {1} representa as estrelas de modo natural, como as vê a olho nú , e as enquadra ingenuamente no céu. O artista Kobewa as mostra na forma que a elas tem dado a

fantasia indígena, mas com o custo da clareza e da ordenação correta dos locais, como é conduzida pelo primeiro. Koch-Grünberg tem o cuidado de não referir-se a esquemas pré-concebidos do céu acima dos trópicos europeus, conferindo as representações indígenas com um mapa largamente aceito das "Constelações da zona Equatorial", citado no texto como [A] e reproduzido abaixo da tradução do citado livro para o português (Koch-Grünberg, 2009)

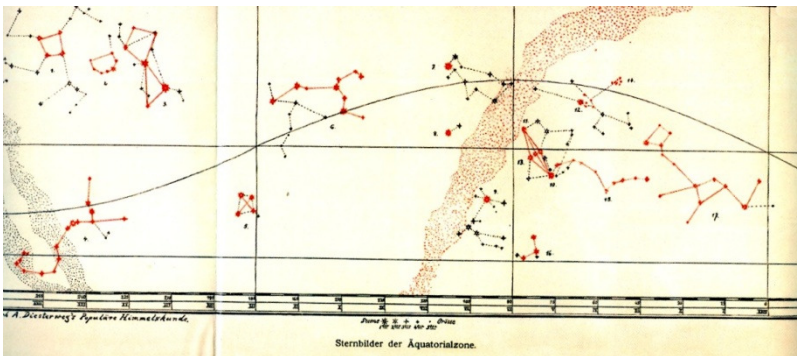
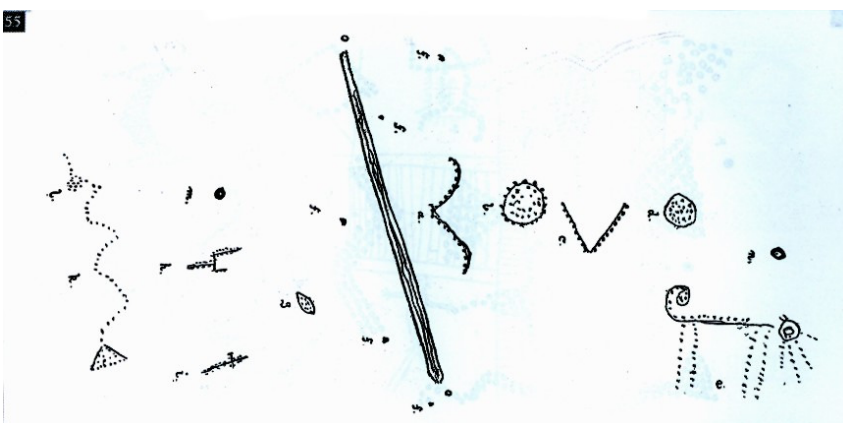
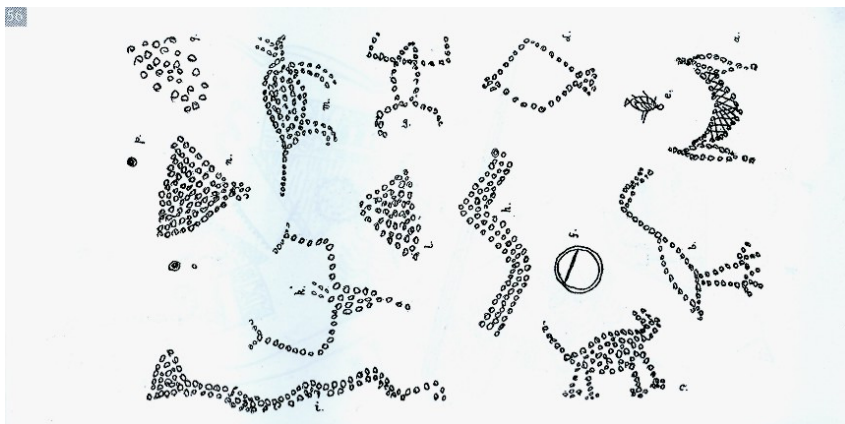


figura A - Mapa das constelações na zona Equatorial, (Diesterweg, 1060, prancha 12).

O autor destaca a constelação do Escorpião, chamada de "cobra grande" -{1k} e{1i}, que assume esta forma especialmente em outubro, quando está no alto do céu. Próxima ao fim da cauda {1k} está o ovo da serpente, estrela de terceira grandeza As Hyades[A12] são um grupo estelar em Touro cujo nome Tukano não pode ser traduzido. A magnífica Venus {figura 1b} é representada como estrela da manhã e estrela da noite.



Desenho 1 Miriti-Tapuyo



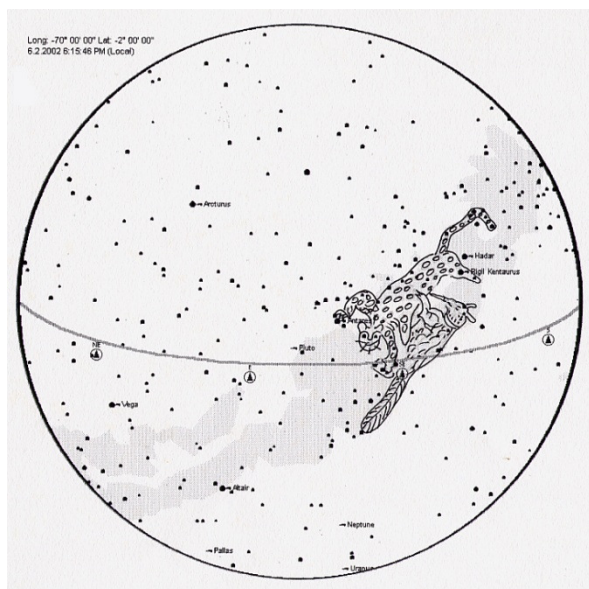
desenho 2 – artista Kobeua

A representação da Via Láctea é, em ambos os quadros, totalmente diferente segundo a intenção de cada artista. No quadro 1 ela aparece numa ordenação espacialmente correta em relação com os astros reais restantes à semelhança de uma faixa oblíqua espalhada no céu {o – o}. Os Kobewa chamam a Via Láctea de "caminho da rã" e a comparam com um espesso grupo de pequenas rãs, quando estas emigram em massa do seu local de nascimento para procurar um outro lar. Porque o desenhista do quadro {2} queria desenhá-la tão poeticamente como a maioria dos seus desenhos das constelações restantes, mas como ele não poderia acomodar as inumeráveis rãzinhas, então ele se socorreu, substituindo-as simplesmente por um grande sapo, denominado pelo Kobeua da *maúma*. Além disso, o quadro 1 mostra ainda as estrelas restantes como uma quantidade desordenada junto a pequenos círculos e a lua em uma de suas fases, na qual o desenhista considerou que também a parte obscurecida - embora sombreada, de fato- permanece visível.

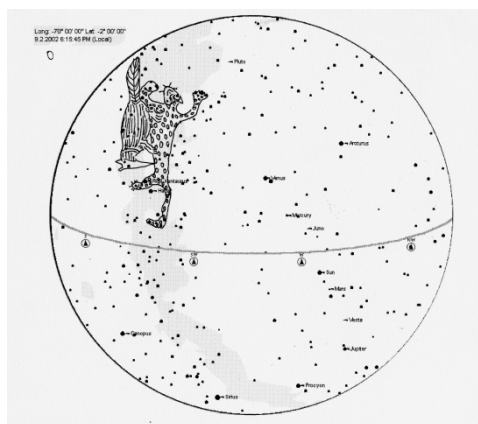
Os registros de Nimuendajú sobre o conhecimento do movimento de estrelas no céu e as interpretações Ticuna

Curt Nimuendajú correlacionou a mitologia Ticuna com a identificação do céu. Associou o relato da "briga da onça e do Tamanduá com a área do céu entre o Cruzeiro do Sul e o Escorpião, identificando um dos olhos da onça em Antares, do Escorpião (1952: 143). A identificação das constelações Ticuna aqui apresentadas realizou-se com base neste registro inicial, confirmando o registro etnológico de que no início da briga a onça encontrava-se em cima do tamanduá, ao passo que ao fim o tamanduá encontra-se sobre

a onça. Extrapolam aos limites deste trabalho as implicações teóricas da antropologia do clima, que procura relacionar os usos das observações do céu para estratégias de subsistência de povos indígenas singulares, localizados em regiões específicas.

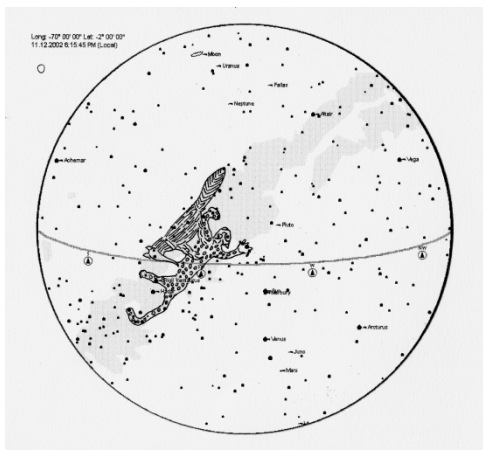


Desenho 3 Ascensão da briga da Onça e do Tamanduá ².



Desenho 4 Briga da Onça e do Tamanduá no alto do céu.

² Obs: Neste desenho e subsequentes, à esquerda, acima, constam as informações sobre latitude, longitude e data. Fonte: Software Starry Night. Desenho de Pedro Inácio Pinheiro.



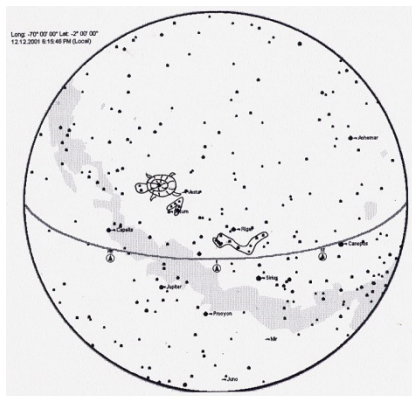
Desenho 5 – briga da onça e do tamanduá quando a constelação está saindo do céu ao fim da estação seca.

Como se indica nos desenhos 4, 5 e 6 imagem da briga da onça e do tamanduá (Tchatü) a Onça (Ai), cujo fim corresponde à morte e ascensão de Wücütcha. Os olhos do Tamanduá estariam em β do Triângulo Austral, sua cauda na constelação da Coroa Austral e corpo nas constelações de Norma e Ara. A pata direita da Onça estaria em α (Antares), σ (Sigma) e τ (Tau) no Escorpião; os olhos estariam em ϵ e μ , também do Escorpião e a pata esquerda em γ (Shaula) ν (nu) ι (iota) e θ (Teta) da mesma constelação. Segundo relatam os Ticuna, esta briga foi o desfecho da violação incestuosa entre Lua e sua irmã, seguida do assassinato da mulher grávida. Os parentes da vítima mataram a fera associada ao clã Onça, para impedir o eclipse lunar. A saída do céu de Tchatü, a Oeste, ao anoitecer em fins novembro, corresponde ao aparecimento da perna de Wücütcha a Leste à mesma hora.

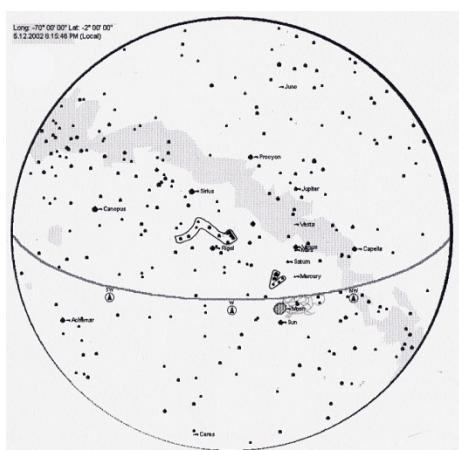
O início da estação das chuvas é anunciado pela ascensão de Baweta, que aparece no céu no início da noite a Leste no fim de novembro. Após subir Baweta, sobe a Queixada do Jacaré. A perna de Wucütcha corresponde a Órion. Este grupo de estrelas começa a desaparecer no céu, a Oeste, a partir de 20 de maio ao anoitecer. Alguns dias depois desaparece, também a Oeste, a Queixada de Jacaré, correspondente a Touro.

Comparando-se as constelações Ticuna com as constelações convencionadas na Astronomia Ocidental, a forma do desenho de Baweta (coletivo de tartaruga) associa o conjunto de estrelas das constelações convencionais das Plêiades e de Perseu sendo seus olhos os pés de Perseu (Ômicron Persei e Atik). Supõe-se que a forma de V, que para a astronomia ocidental está relacionada com o vértice da cabeça do Touro, que recebe pelos Ticuna o nome de Coyatchicüra (queixada de Jacaré). Em um desenho

Ticuna a pata esquerda do Jacaré corresponde à estrela Euratis, e a pata traseira direita a ϵ (Epsilon), η (Eta) ζ (zeta). A cauda está em o (Omicrom) e ζ (Zeta), de Perseu.



Ascensão de Baweta, Coyatchicūra e Wücütcha (início das estação das chuvas).



Descenso de Baweta, Coyatchicūra e Wücütcha

Por sua vez a perna de Wücütcha é relacionada com as estrelas que na astronomia convencional são agrupadas com o nome de Órion. Os dedos dos pés estariam nas três Marias, e a quebra da perna α (Alfa), γ (Gama), β (Beta), ϵ (Epsilon).

CONCLUINDO

O presente trabalho procurou, dentro de uma abordagem comparativa, examinar registros sobre o céu na iconografia de diferentes povos indígenas, a partir do trabalho etnológico de viajantes do início do século XX. Entende-se que os desenhos indígenas expressam uma forma de conhecimento específica, que difere tanto do que se entende por ciência quanto do que se entende por arte. A ciência obedece a métodos específicos visando chegar a conclusões objetivas. A separação das manifestações artísticas do

restante das representações sociais atende a critérios e definições que atendem a determinadas hierarquias historicamente datadas. A abordagem antropológica dos desenhos indígenas considerados no presente trabalho evitou aplicar métodos científicos ou critérios artísticos estabelecidos em termos do entendimento das sociedades nacionais ocidentais na modernidade, que podem interferir no entendimento das representações indígenas concebidas enquanto totalidades etnicamente diferenciadas. A interpretação em antropologia parte da percepção das limitações de tais métodos e critérios, buscando fundamentar a tradução cultural na possibilidade de leitura do impensado, baseando-se em uma postura investigativa e imaginativa. Ao correlacionar representações examinadas por Koch-Grünberg e Curt Nimuendajú, evidenciou-se que os indígenas formam constelações compostas por grupo de estrelas. Nestas constelações associam o conhecimento do céu com seres do mundo animal, vegetal ou mineral com o quais interagem no dia a dia com entidades sobrenaturais presentes em sua cosmovisão e relacionados à sua organização social. A observação do céu, que é visto em sua associação com o mundo terreno, é uma forma de buscar regularidades tendo em vista estabelecer estratégias de subsistência. O bom uso da tradução cultural está sempre atendo àquilo que é intraduzível e que opera como um veículo da afirmação da alteridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIESTERWEG , **A Populäre Himmelskunde und astronomische Geographie** Berlin, Enslin, 1860.

KOCH-GRÜNBERG, T. **Anfänge der Kunst im Urwald. Indianern-Handzeichnungen auf seinen Reisen in Brasilien gesammelt**, Berlim. (tradução: Daynéa Faulhaber Barbosa), 1905

Começos da arte na selva. Manaus, Edua, 2009

NIMUENDAJÚ, Curt "The Tukuna". **Publications in American Archaeology and Ethnology volume XLV** (org: Robert Lowie). Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1952.

TAMBIAH, Stanley Jeyarara **Magic, Science and the scope of rationality**. Harvard, Cambridge University Press, 1995.

WILLIAMS, Raymond **Palavras- Chave [um vocabulário de cultura e sociedade]**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2007.